

O ENSINO DA GEOGRAFIA E A PRODUÇÃO / UTILIZAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS

ADRIANA DAVID FERREIRA GUSMÃO*

ANDRECKSA VIANA OLIVEIRA SAMPAIO**

VILOMAR SANDES SAMPAIO***

Resumo

Tudo se configura como tópicos importantes de discussão de uma problemática que aflige boa parte dos professores da disciplina: como desenvolver o prazer de compreender a Geografia, no cotidiano da sala de aula, com o auxílio das novas tecnologias.

A tentativa de transformar as aulas num movimento interativo, discursivo e de observação direta da realidade torna-se uma busca diária e necessária para aqueles que se comprometem com a qualidade do ensino, em particular o da Geografia. Nesse sentido, pensar uma prática norteadora pelos conhecimentos prévios e vivências dos alunos sugere uma maneira de fazer e pensar o ensino de Geografia aliada a uma mudança indispensável que deve ocorrer na postura profissional, no modo de trabalhar os conteúdos, na incorporação das atividades de pesquisa e no uso dos multimeios como atrativos para suas aulas.

A produção e utilização de recursos são elementos de fundamental importância para o bom andamento do processo ensino-aprendizagem pois a linguagem virtual está presente na vida de todos, dentro e fora da escola. Elas devem despertar nos profissionais e alunos o desejo do conhecimento de que, em Geografia, elas são representadas pelo exercício de compreensão do mundo do qual somos parte integrante, além dos aspectos que envolvem as relações econômicas, políticas, sociais e toda a gama de acontecimentos provocadas pelas relações de poder. A Geografia, nesse contexto, pode ser um meio de transformação da dura realidade com que nós deparamos no nosso dia a dia, como também uma possibilidade de tornar o ensino de Geografia mais dinâmico e prazeroso.

Palavras-chave: Geografia, novas tecnologias, processo de ensino

* Prof^a Esp. de Metodologia e Prática do Ensino de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB adriana@uesb.br.

** Mestranda e Professora de Metodologia e Prática do Ensino de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB andrecksas@uesb.br.

*** Mestrando e Professor de Geografia Regional da Universidade do Estado da Bahia – UNEB - viladea@ig.com.br.

Abstract

The study is composed of important topics of discussion of an issue that affects an important part of the teachers of Geography: how to develop the pleasure of understanding Geography in the daily classroom with the aid of the new technologies.

The attempt to transform classes into an interactive, digressive and observational movement of reality, becomes a daily and necessary search for those that are pledged to high standards of teaching, particularly the teaching of Geography. In this sense, the cogitation of a guiding practice based on the previous knowledge and experience of the students suggests a way of making and thinking the teaching of Geography attached to an indispensable change which should take place in the professional attitude, in the way of working the subjects, in the incorporation of activities of research, and in the use of several captivating means for the classes.

The production and use of different recourses are elements of fundamental importance for a good performance of the teaching-learning process.

Geography, in this context, can be a mean of transformation of the crude reality that we face in daily life, and can also make possible the teaching of Geography more dynamical and pleasurable.

Key-words: Geography, new technologies, teaching process



A Geografia vive um embate teórico-metodológico baseado nos novos paradigmas que envolvem a educação de um modo geral. Atualmente, a escolaridade está voltada para um ensino menos técnico e mais construtivista, onde mais importante que os conteúdos repassados estão as habilidades de observar, criar, ousar, questionar e se posicionar, para se ser capaz de enfrentar desafios e não repetir velhas fórmulas. Para uma maior compreensão de toda a problemática que envolve a Geografia é importante que se reflita acerca das transformações contemporâneas, não só no campo educacional, mas também no econômico, social e técnico-informacional, que compõem um arcabouço de mudanças e novas exigências quanto à postura e trabalho de todos os profissionais e, mais ainda, daqueles que têm a nobre função de favorecer a compreensão do mundo, a análise crítica da realidade, o desmistificar da sociedade: os professores, em especial, os de Geografia.

Um breve histórico revela o quanto as práticas desenvolvidas na escola configuraram determinadas ações. A Geografia escolar, no século XIX, se apresentava como a disciplina que, subordinada à História, levava os alunos à localizar os lugares onde os acontecimentos se passavam. A escola estava voltada a enaltecer o nacionalismo e implantar um novo sistema de valores adequado à sociedade mercantil, produtora de mercadorias. No embate entre Igreja e Estado, o último assume a educação pública e o mundo, à era da 1ª Revolução Industrial, que originou a concentração populacional, tem a pretensão de alfabetizar as massas. Segundo Vesentini:

O sistema escolar moderno não surgiu pôr acaso e muito menos foi pensado e iniciado a partir de baixo [...] portanto foi e é funcional e até estratégico para a reprodução da sociedade capitalista ou moderna. A importância da escola na sociedade moderna, assim como a importância da educação amplo senso em qualquer sociedade é visível (1998, p. 16).

A Geografia escolar, ainda segundo Vesentini (1995), era marcada pela abstração pura e não se preconizavam a discussão crítica e os questionamentos, pois estas eram ações improváveis para aquele momento. Todo



esse século foi um contínuo esforço para efetivar a educação do ponto de vista nacional, desenvolvendo a mais extensa luta de partidos políticos, conservadores e progressistas, reacionários e liberais para apoderar-se da educação e da escola para seus fins. Em muitos países foi organizada uma escola pública nacional, a partir do desenvolvimento do capitalismo e do impulso da industrialização. A escola, então, vai contribuir para a reprodução do capital, habituar os alunos à disciplina necessária ao trabalho nas indústrias, a realizar sempre tarefas novas sem discutir para que servem e a respeitar as hierarquias. A Geografia tem um papel de máscara ideológica, camuflando certas realidades concretas e se posicionando de maneira cada vez mais clara em relação à tomada de consciência política e social de um certo número de professores e alunos. Ela tende, assim, a tornar-se uma disciplina nitidamente arcaica, incapaz de dar conta dos grandes conflitos do mundo contemporâneo. Ressalta Vlach:

[...] mais importante que o ensino da língua e das noções de aritmética, era fundamental a imposição de determinados valores. E aqui entrariam a História (do vencedor, isto é, a apologia cronológica dos heróis nacionais) e a Geografia (do lugar, isto é, o discurso sobre o objeto). [...] Geografia, História, língua; eis as "ferramentas" – distintas, mas complementares entre si – da burguesia para, via escola, criar a unidade do Estado-Nação (1998, p.42).

No século XX o mundo sente os "sabores" e "dissabores" da 2ª Revolução industrial e as mudanças na educação são visíveis. A pretensão não era somente alfabetizar as massas, mas também desenvolver o ensino médio, os cursos técnicos e os profissionalizantes. Neste século, a escola prioriza a aplicabilidade imediata do saber, a preocupação direcionada para o vestibular e para o mercado de trabalho. A Geografia escolar, ao longo dessas transformações, quase não resiste. É retirada de alguns currículos e substituída pelos "estudos sociais". Num mercado profissionalizante, a Geografia perde espaço através da diminuição de carga horária, comprometendo cada vez mais a discussão sobre o mundo em que vivia, atendendo às novas exigências produtivas dos modelos fordista e taylorista.



O pós-guerra redimensiona o mundo em praticamente todas as direções. A Geografia torna-se vítima de um duplo processo de crise, ligado ao seu conteúdo e ao seu lugar na instituição escolar em via de reestruturação. A escola se especializa, se organiza, corre nos múltiplos canais que irrigam a organização da produção. Em conseqüência, tudo o que representava a universidade liberal. A Geografia faz parte do passivo da velha escola e do seu poder, que tem por objetivo reafirmar, que é o resultado da transformação das necessidades e referências culturais ideologicamente úteis para a sociedade e da esclerose interna da própria disciplina. É pois essa Geografia, limitada e limitante, que se envolve no embate entre possibilismo e determinismo, que está na raiz da "Geografia dos professores", como chamou Yves Lacoste. É esta postura teórica e metodológica que está presente na grande maioria dos livros didáticos e em praticamente todos os departamentos de Geografia existentes no Brasil. Essa nova Geografia edificou-se sobre o neopositivismo. Ela chegou aos geógrafos como Geografia quantitativa, teórica, moderna, pragmática e a sua renovação aparece entre nós como Geografia crítica, que concebe o espaço como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais, tendo como elemento unificador a utilização do materialismo histórico e dialético como corpo teórico e metodológico de investigação da realidade.

No final do século XX e início do XXI, "novos modelos", na visão platônica, transformavam a educação. O fordismo deu lugar à produção flexível e, contrariando a concepção centralizadora, surge a descentralização. Em substituição à especialização de mão-de-obra, surgem o padrão de trabalhador polivalente e o controle de qualidade. Exigem-se capacitações, atualizações, aperfeiçoamento. Na escola deste século, há a cobrança de resultados dessa inovação, e a pesquisa passa a ser um elemento formativo do profissional, que precisa conhecer e produzir conhecimento realizando pesquisas em diferentes níveis.

O mundo vive, então, a 3ª Revolução Industrial (técnico - científica), onde os avanços tecnológicos, a informática e a comunicação de acontecimentos em tempo real são os responsáveis pela evolução da indústria, do comércio, dos serviços e da educação. O fundamental são as idéias, a criatividade, ficando a mão-de-obra barata e mesmo especializada em segundo plano, o importante para o momento é "aprender a aprender". A exigência pela polivalência se torna uma idéia presente em variados setores, prevalecendo a idéia da



multifuncionalidade e do conhecimento universalizado. Nossos alunos não são os mesmos e acompanham, na maioria dos casos, o ritmo frenético do que acontece no mundo. Assim, a educação precisa ser "reajustada" e o ensino da Geografia não pode ficar à margem dessas transformações. Segundo Castrogiovani, em tempos de globalização a Geografia deve priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido. Ressalta, portanto que:

Devem ser refletidos e teorizados tais "espaços contraditórios, associando-os num constante movimento entre o vivido/percebido e o conceitual/teórico. É importante não esquecer: o homogêneo não existe. É a singularidade dos lugares que os fazem nascer e existir (1998, p.82).

O ensino de Geografia deve oportunizar situações em que o aluno textualize e teorize as suas significações, pois a riqueza da existência humana e a necessidade para fazer Geografia estão no fato de sermos diferentes e de existirem diferentes lugares.

A partir das mudanças ocorridas no modo de produção, vivenciadas a partir da 3ª Revolução, uma maior carga horária atribuída à Geografia e o retorno aos estudos relacionados à área motivam novas ações e buscas. A educação em geral e a Geografia em particular assumem novas posturas, servindo-se de grandes educadores e teóricos para fundamentar essas novas tendências e apresentar novas abordagens. Parafraseando Vesentini (1998), até nos Estados Unidos, onde paradoxalmente a Geografia como disciplina foi abolida durante cerca de três décadas, mostra-se, nessa virada de século, uma tendência para revalorizar esse ensino.

Na atualidade, a educação se direciona a partir dos PCN'S da LDB (20/12/96) e dos pilares que permeiam as ações educativas comprometidas com a busca pela qualidade e eficiência do ensino: aprender a aprender, a ser, a conhecer, a fazer e a viver juntos. Teóricos como Edgar Morin, César Coll e Antônio Nóvoa começam a elevar esses pilares e a trabalhar com eles. As novas propostas estão direcionadas para as competências e habilidades que desenvolvem, tanto no educando, quanto no educador, a vontade de mudar, opinar e transformar o espaço, como atores principais e não como coadjuvantes ou meros telespectadores. Porém segundo Pontuschka:



Os PCN's [...] não constituem um projeto isolado, mas fazem parte de políticas públicas educacionais[...] estabelecidas de acordo com as determinações de políticas mais amplas ditadas pelo conjunto de países centrais para países chamados de "emergentes", como o Brasil [...] (1999, p.14).

Apesar dessas contradições, também nelas inserido, o ensino da Geografia de modo geral, tanto acadêmico como médio e fundamental, deve estar voltado para as contextualizações. Segundo Castrogiovanni (2002), contextualizar é fazer com que o aluno se envolva, se interesse pelo processo de aprendizagem. Cavalcanti (2002) vê na contextualização uma forma de educando ter contato com o conhecimento a partir da prática, do cotidiano.

De acordo com Frei Betto, a escola parece distante da realidade. Em geral prepara profissionais de elite, sem cuidar de sua formação ética e muito menos de sua consciência crítica. É obrigação da escola educar numa dimensão étnica, formar para a cidadania e consolidar a democracia. A escola deve ser um núcleo de formação política e trabalhar sempre com estratégias pedagógicas. Para Gonçalves (1995), a geograficidade do mundo atual torna a Geografia um saber que exige que se vá para além de uma captura estreita voltada para o mercado de trabalho e que se siga no sentido profundo do que significa a relação da humanidade com o planeta. A Geografia, de acordo com as idéias de Kaercher (1999), existe desde sempre, nós a fazemos diariamente e ainda:

Cada sociedade produz uma Geografia de acordo com seus objetivos.[...] Se nossos alunos puderem ter na Geografia um instrumento útil de leitura do mundo, estaremos ajudando a construir não só uma escola como uma sociedade mais crítica e indignada contra toda e qualquer miséria humana (1999, p.16).

Diante do exposto, das mudanças enfrentadas em função das revoluções tecnológicas é que se propõe discutir a produção e utilização de recursos didáticos no ensino de Geografia, pois eles se enquadram no desenvolvi-



mento de competências e habilidades propostas para o processo de ensino-aprendizagem e giram em torno do envolvimento dos alunos em atividades de pesquisa e utilização de novas e variadas tecnologias.

Professores e alunos precisam ser pesquisadores sempre, pois a pesquisa tem um caráter especial e não deve ser encarada, segundo Pedro Demo (2000), como um "dom" do ensino acadêmico e sim um trunfo, para a construção do conhecimento. Conforme Perrenoud (2000), o professor é pesquisador quando produz o projeto pedagógico, os próprios textos enfim, os próprios recursos didáticos. Essa linguagem agora, própria da Educação, acentua a vontade de conhecer novas situações didáticas; conhecer o conteúdo, trabalhar a partir da representação, trabalhar os erros e obstáculos e envolver os alunos sobretudo em atividades de pesquisa. Cavalcanti retrata que:

Entender o ensino como construção de conhecimento leva a defender a necessidade de ter a pesquisa como princípio formativo do profissional de Geografia, o professor e o bacharel, seja pela necessidade de sua própria formação, seja pela necessidade de intervenção na formação dos outros (2002, p. 115).

O aluno, quando envolvido em atividade de pesquisa, desenvolve a capacidade de observar, localizar, coletar e sistematizar dados. Aprende também a analisar um objeto a partir de um referencial teórico disponível. É preciso fazer da pesquisa uma atitude cotidiana entre professor e aluno, pois através dela se evita o uso de receitas prontas e se fomenta a iniciativa. Rubem Alves afirma que todo ato de pesquisar é um ato político. Não há possibilidade de separar o pesquisador do seu objeto de estudo e também dos resultados que ele estuda. Assim, torna-se possível evitar a prática obscura da formatação do aluno pela escola, como o próprio Rubem Alves retratou tão bem em seu livro "Pinóquio às avessas", onde ele deixa claro que a escola tem o poder de transformar; com suas ações errôneas e repetitivas, que apenas reproduzem conhecimentos, a riqueza de pensamento e vivência dos alunos em atos de memorização e repetição. A pesquisa, a observação direta e a inter-relação de vivências e realidades são os responsáveis pelo crescimento das pessoas e da consolidação da escola como instrumento



viabilizador de acesso à construção do conhecimento útil e a serviço da construção do novo homem. Sobre isso Perrenoud escreve que:

a escola não tem o monopólio das situações de aprendizagem e que a vida tomada em sua totalidade, com seus componentes tanto escolares como extra-escolares, é que se constitui num verdadeiro currículo [...] dizer que a aprendizagem pode se dar apenas na escola é uma falácia e que prejudica os alunos favorecendo a alienação e o nivelamento de todos como se o ensino tivesse o objetivo maior de formatar e padronizar as pessoas (2000, p.45).

Assim, deve-se considerar, indiscutivelmente, no trabalho com a Geografia, os conhecimentos extra-escolares e as aprendizagens paralelas, o que exigirá a modificação da organização do trabalho em sala de aula e da postura do professor frente ao que se pretende alcançar com sua prática. Sobre isso Perrenoud (2000) afirma que, para levar em conta as diferenças e pensar as regulações individualizadas, no quadro de um dispositivo e de seqüências didáticas, é necessário afrontar uma complexidade que descarta definitivamente receitas, modelos metodológicos prontos para uso. Portanto, aceitar romper com as necessidades de grande parte dos professores, assumir o risco de lhes propor procedimentos que não correspondem nem à sua imagem da profissão, nem a seu nível de formação. E aceitar sem dúvida também entrar em conflito com uma classe política e com autoridades escolares que não pedem tanto e das quais, ao menos uma parcela se conforma muito bem com a relativa ineficácia das pedagogias em vigor.

Resquícios do passado ainda prendem a escola ao modelo tradicional. É difícil para o professor ensinar e investigar simultaneamente. Os professores não ousam, não criam, não produzem, portanto, tornam-se escravos de um dos únicos recursos didáticos que têm nas mãos e, quando não os têm, sentem-se muitas vezes desorientados e aí os livros didáticos tornam-se a verdadeira "bíblia" dessa "Geografia dos professores" (Yves Lacoste). O livro didático é um recurso viável, segundo Castrogiovanni (2002) porém, não deve ser a única saída. Há tempos, o professor e o livro didático deixaram de ser a única fonte de



conhecimento. O professor precisa se atualizar, produzir e questionar as informações nele contidas, pois ele ainda é um instrumento necessário como complemento às atividades didático-pedagógicas, devendo ser utilizado como um dos recursos entre tantos disponíveis, não pode ser convertido em um manual didático. Um bom livro deve propiciar uma visão de Geografia numa perspectiva crítica, considerando: a fidedignidade das afirmações, o estímulo à criatividade, a correta representação cartográfica, uma abordagem contextualizada, que enfoque o espaço como uma totalidade que, seja aberto a reflexões, desprezando testes e exercícios que contenham idéias prontas, fechadas e limitadas. Devem fornecer elementos que estimulem no aluno a prática da observação, interpretação, reflexão e análise. Segundo Schaffer:

Como instrumento de ensino, o livro didático serve a um fim, às intenções do plano de trabalho previamente elaborado. Por esta razão importa, sobretudo, que o professor tenha clareza quanto a seus objetivos, antes de fazer a escolha do título. Mas é necessário, também que ele disponha de informações sobre o livro didático num contexto amplo, de forma a apoiar uma análise crítica que permita uma adequada comparação e seleção do material a ser utilizado em aula (1999, p.134).

Há necessidade, portanto, de articular ensino com pesquisa para que esta se torne realmente um procedimento de ensino atitude esta vista como princípio educativo, cognitivo e formativo do profissional de Geografia. Este precisa conhecer a produção do conhecimento em sua área e participar de práticas de pesquisa em seu campo de conhecimento. Através disso, o educador consegue recuperar aspectos da sua dignidade perdida e aquele que consegue se desenvolver em pesquisa não consegue mais retroceder ao puro exercício do ensino em sala de aula. De acordo com Kaercher (1997), "Geografia não é só o que está no livro ou o que o professor fala, você a faz diariamente."

Nesse sentido, vale apontar a importância da elaboração do material didático próprio, pelo professor, pois isso vai permitir o desenvolvimento mais coerente da seqüência de conteúdos definidos para cada série, levan-



do-se em conta os objetivos propostos pela área de conhecimento. Para que este material torne-se ainda mais útil, deve-se envolver e comprometer os alunos, de forma progressiva, com a construção do conhecimento, atribuindo-lhe responsabilidade pelo que aprende e produz. Uma idéia interessante é a construção do próprio livro didático, que serve como um material de consulta, organizado progressivamente pelo aluno em conjunto com o professor e no qual é possível inter-relacionar atividades individuais e coletivas. Organizado por partes, permite a construção mais flexível de seqüências que serão montadas de acordo com o desenvolvimento dos trabalhos. Esse processo estimula o questionamento, a discussão, a suposição, a análise e a reflexão. Como um *portfólio*, o livro produzido pelos alunos e professores encoraja-os a se sentirem como escritores e pesquisadores, fazendo com que o aprender seja potencializado, levando o aluno a refletir sobre suas próprias experiências e repensar o progresso da pesquisa em sala de aula. Essa idéia reforça um enfoque de currículo e instrução centrada no aluno que o estimulam e motivam a investigarem e experimentarem ações de autoria de pensamento.

O professor deve coordenar a estruturação e reestruturação desse material no momento em que a análise da sua utilização, também pelo aluno, se torna uma prática que ajudará a transformar o material num recurso rico e eficiente para o processo ensino – aprendizagem. Esse trabalho também pode proporcionar o aumento de conhecimento e de habilidades de que os profissionais e alunos necessitam, incluindo os conhecimentos de desenvolvimento da estrutura do pensamento, de técnicas de observação, sistematização de leituras e das vivências de cada um. Para o desenvolvimento desse trabalho deve-se sempre realizar uma observação clara e a avaliação direta da turma, procurando saber quais os pré-requisitos que os alunos possuem. É importante também que se enriqueça o universo lingüístico e cultural dos alunos com textos clássicos e originais, valorizando a autoria e as idéias defendidas pelos autores, fazendo com que os alunos entrem em contato com um universo mais amplo e aprofundado culturalmente.

Reciprocamente, é necessário que também o professor entre em contato com o mundo dos alunos. O mundo da TV, do Game, do vídeo, do computador. Se é preciso que o aluno sinta-se motivado para dar contribuições ao processo de aprendizagem, cabe ao professor inovar, buscar entender e se relacionar com essas novas tecnologias do ensino. No entanto, a Internet, o



cd-rom, o vídeo, o DVD, tudo o que envolve a chamada "cibercultura" são instrumentos novos que auxiliam (apenas auxiliam) o processo, mas não funcionam, se forem utilizados como modismo ou antídoto. A sociedade contemporânea se caracteriza por grandes transformações nessas linguagens, oriundas de conquistas tecnológicas de comunicação e informação, que terão um impacto cada vez maior na educação escolar e na vida cotidiana.

Independente da existência dos recursos audiovisuais dentro da sala de aula, eles se fazem presente virtualmente, através das imagens e dos sons incorporados às memórias dos sujeitos que freqüentam a sala de aula. O sentido de articular a linguagem da escola com a linguagem da mídia é o dialogar com as diferentes culturas e ajudar o aluno a processar melhor essas informações, que geralmente são cheias de fragmentos e superficialmente produzidas. A escola precisa aproveitar essa riqueza de recursos externos, não para reproduzi-los em sala de aula, mas para polarizar informações, orientar discursos, preencher lacunas sobre o que não foi aprendido, ensinar aos alunos a estabelecerem distâncias críticas em relação ao que é vinculado aos meios de comunicação.

A cultura produzida neste mundo de tecnologia é repleta de informações geográficas: filmes, desenhos, charges, fotografias, slides, anúncios de publicidade, cd-rom's, músicas, poemas representam de forma variada os fenômenos geográficos. É preciso que o professor vença sua dificuldade em utilizá-los, sem cair no fascínio pelo moderno, sofisticado, se apropriando desses recursos como ferramentas auxiliares em seu trabalho.

Um importante e fascinante recurso didático é o jornal. De fácil acesso e baixo custo, ele pode enriquecer e dinamizar as aulas tornando-as mais atrativas, ao mesmo tempo em que faz com que conteúdos ligados à atualidade sejam discutidos e tornem-se mais acessíveis ao aluno. Segundo o sociólogo e pesquisador Antônio Alberto Trindade:

O jornal é um material rico porque apresenta diariamente uma vasta rede de informações, em variados setores do conhecimento e podem desencadear discussões riquíssimas em sala de aula que muitas vezes passariam despercebidas por professores e alunos. O jornal traz a realidade do mundo para dentro da sala de aula (2002).



De acordo com esse pesquisador, o jornal pode ser um excelente instrumento pedagógico e de exploração de assuntos, de forma multidisciplinar, dentro da escola, precisa ser considerado no plano pedagógico escolar e ter sua utilização sistematizada por todos os professores. Também salienta o fato de que se as reportagens forem bem utilizadas e exploradas pelos educadores, podem servir para formar um leitor consciente, capaz de entender o que acontece à sua volta e até de fazer antecipações sobre seu futuro.

Para a Geografia, o jornal torna-se ainda mais importante, pois o trabalho humano, a vida em sociedade, a economia, as diferenças de realidade e os dados atualizados diariamente podem ser de grande valor para os estudos, nos mais diversos eixos de conhecimento da área. Esse instrumento pedagógico possibilita viabilizar uma nova relação dos alunos com a Geografia, no momento em que eles percebem que seus conteúdos não estão dissociados do que é observável e que acontece no cotidiano, sendo possível, através do contato com as notícias e informações diversas, perceber a importância do uso das categorias de análise (espaço geográfico, região, paisagem, lugar, território e redes) na compreensão de dados e elementos indispensáveis para o entendimento da Geografia e para o desenvolvimento do olhar geográfico. Outra afirmação importante feita por Trindade diz que:

Os alunos são municipais, são cidadãos, conhecem a realidade e podem publicar um texto, nem que seja nas cartas do leitor. Essa é uma excelente aula de cidadania que propicia ao estudante olhar as coisas de forma diferente. E o desafio de criar um texto publicável envolve correlações com as disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa, entre outras, permitindo que o estudante aprenda a buscar espaço para formar sua opinião (2002).

Dessa maneira, professores e alunos poderão imergir em diferentes nuances da realidade e se tornar investigadores em potencial, analisando e refletindo sobre a geografia do cotidiano, ampliando suas visões de mundo e trabalhando em sala de aula com o que acontece fora dela e do universo lívresco.



Para que se possa trabalhar com a Geografia de forma mais prazerosa e eficaz, relacionando teoria e prática e vivenciando uma nova atuação do professor voltada para a construção de competências e habilidades favoráveis à vida do aluno e que possam ajudá-lo a compreender melhor o espaço na sua diversidade e problemas, buscando assim um trabalho completo e eficiente, deve-se pensar inicialmente no planejamento do trabalho.

Segundo Santomé, este deve priorizar o conhecimento do perfil do grupo com o qual o professor irá trabalhar, e a partir daí estabelecer objetivos claros e palpáveis, ligados à concreticidade dos conteúdos que devem ser abordados no processo. Nesse planejamento deve-se pensar nos recursos didáticos mais adequados aos objetivos que se pretende alcançar.

Falar sobre recursos didáticos torna-se então uma tarefa ao mesmo tempo simples e complexa, já que eles podem ou não ajudar os professores e alunos a atingirem os objetivos propostos para uma aula ou projeto pedagógico inteiro. A produção de recursos didáticos adequados e de forma consciente pode favorecer o trabalho do professor em sala de aula, clareando pretensões e ajudando os alunos que apresentam necessidades e potencialidades diferentes. Os recursos didáticos são responsáveis por fazer a mediação entre o conhecimento teórico trazido pelo professor e a respectiva compreensão e análise por parte do aluno. Por isso, deve-se pensar em recursos que proporcionem o conhecimento do aluno face à complexidade apresentada pelo objeto mais claro da Geografia: o espaço geográfico.

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, as faculdades de observação e pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação. As ferramentas multimídia no ensino cada vez mais farão uma séria concorrência aos professores, se estes não quiserem ou não souberem utilizá-los para enriquecer suas práticas.

A integração do vídeo ao ensino, sobre o qual, nos anos 70, fundavam-se grandes esperanças, não cumpriu suas expectativas, sem dúvida por ser pouco interativo e funcionar nos moldes da sensibilização a certos problemas ou de ilustração de noções teóricas. A junção do computador e da imagem muda os dados do problema, pois agora é possível digitalizar as imagens para fazê-las passar por todo tipo de processamento. Pode-se também



compor uma imagem de síntese a partir de estruturas, de tramas, de modelos, como se pode fabricar até mesmo uma voz sintética.

Hoje, as apresentações multimídia são espetáculos de "luzes e sons" cada vez mais sofisticados. Amanhã, a realidade virtual permitirá ao aluno, munido de capacete tridimensional, explorar a época pré-histórica, viajar para o centro da Terra ou ir à Lua. Essa cultura tecnológica também é necessária para pensar as relações entre evolução dos instrumentos (informática e hipermídia) e competências intelectuais, e a relação com o saber que a escola pretende ensinar.

O novo paradigma mostra que deve-se deixar de pensar numa escola centrada no ensino para se centrar na aprendizagem. Mais que ensinar, é preciso fazer aprender. As novas tecnologias podem reforçar a contribuição dos trabalhos pedagógicos e didáticos contemporâneos, pois permitem que sejam criadas situações de aprendizagem ricas, complexas, diversificadas, por meio de uma divisão de trabalho que não faz mais com que todo o investimento repouse sobre o professor, uma vez que tanto a informação quanto a dimensão interativa são assimiladas pelos produtores dos instrumentos.

Segundo Foucher, todo o trabalho de compreensão do espaço deve partir das perguntas: "Onde e por que nesse lugar?" Essas questões podem sugerir trabalhos ricos, a partir do uso de imagens diversas como filmes, figuras e fotos, que podem ser usados para compor painéis e para a construção de mapas temáticos. As características da paisagem observada, aliadas à discussão sobre o papel do homem nesse espaço podem "combater" visões estanques, com a exploração das idéias geradas a partir da diversidade de opiniões e vivências de um grupo de alunos.

Uma prática comum nas aulas de Geografia, principalmente no ensino acadêmico, é a Geografia em Canção idealizada por Bernardo Mançano. É uma prática pedagógica que, através de letras de músicas, trabalha a cultura, a sociedade, aspectos físicos e ainda faz com que haja uma incrível contextualização com o conteúdo trabalhado. Em "Geografia e Canção" pode-se trabalhar com o senso crítico, interpretação (no momento da escolha e interpretação da música), com o contato com a música (valorizando a cultura e a subjetividade) e a fotografia (onde o aluno e o professor podem "ver" o resultado do que foi captado no processo de pesquisa). O "Geografia em Canção" acaba por ser uma prática que faz com que o aluno contextualize o



conhecimento e se torne também capaz de produzi-lo. O professor também exercita o trabalho coletivo com o aluno e se dispõe a romper os obstáculos deixados pelo século XIX, de ser o detentor do conhecimento e do saber e fazer da Geografia uma mera abstração. Neste trabalho, o papel do professor é fundamental, pois ele será o orientador das atividades e fomentador de debates e pesquisas, enquanto aos alunos se envolvem em pesquisas e sugerem músicas que permitam o estudo do tema escolhido.

Outros recursos didáticos importantes podem e devem ser usados e dizem respeito ao processo de alfabetização cartográfica. Muitos alunos chegam ao ensino médio e muitas vezes à universidade sem noções básicas relacionadas à cartografia, o que, muitas vezes, favorece a incompreensão, por parte do aluno, de muitos temas abordados pela Geografia. Assim, deve-se, desde cedo, nos primeiros anos escolares, dar aos alunos a oportunidade de construir mapas, maquetes e de realizar representações daquilo que eles conhecem.

De uma maneira geral, os recursos didáticos podem e devem ser planejados, produzidos e utilizados de forma a atender ao aprendizado de forma eficiente, clara e acessível aos alunos, mas é necessário que o professor tenha consciência da importância de não transformar suas aulas em meros "espetáculos", para que os recursos produzidos atendam a objetivos pré-determinados e possam ser utilizados de forma consciente e útil para o aprendizado.

Segundo Demo (2000), os desafios da Educação permeiam a didática de aprender a aprender; ou seja, visam à diminuição de produtos a serem dominados, traduzindo o ensino em competências e habilidades. O professor e o aluno tornam-se capazes de avaliar processos, criticar, ousar e criar. O educador moderno deve tomar esse parâmetro como um desafio a ser alcançado e se espera, principalmente, que ele consiga motivar o aluno para prosseguir com o mesmo desafio. De acordo com Perrenoud (2000), essa linguagem, agora própria da Educação, acentua a vontade de conhecer novas situações didáticas: conhecer os conteúdos, trabalhar a partir da representação, trabalhar erros e obstáculos da aprendizagem e envolver os alunos, sobretudo em atividades de pesquisa.

Diante dessas colocações, o que ensinar, em Geografia, para que sejam articuladas a teoria e a prática? Ariovaldo Umbelino (1985) afirma que o ensino de Geografia não satisfaz nem ao aluno nem ao professor: jornadas de trabalho incompatíveis com a docência, salários achatados, instabilidade. A Geogra-



fia precisa discutir os problemas do mundo e por isso deve ser revalorizada e renovada. Ensinar Geografia significa dar conta do processo que levou à organização do espaço, a partir da cooperação entre professor e aluno. O aluno precisa descobrir o mundo por ele mesmo, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, enfocar criticamente as questões ambientais e as relações sociedade/natureza. O professor deve levar os alunos a interpretar textos, fotos, mapas e paisagens, criando, ousando, aprendendo e ensinando. Torna-se desnecessário dizer que há modelos prontos para a Geografia escolar do século XXI. Esse entendimento está contemplado nas análises de Porto (1995) quando diz que: "A geograficidade do mundo atual implica discutir não só os modelos do mercado de trabalho, mas entender profundamente a relação entre humanidade e espaço". É imprescindível, portanto, uma reforma curricular em Geografia para que as mudanças aconteçam ainda no espaço acadêmico onde se é mais suscetível à produção do conhecimento novo, para assim se estabelecer uma relação intrínseca com o ensino fundamental e o médio.

Os professores, sobretudo, precisam perceber que seu papel na sociedade, ou na busca da democracia, é desenvolver uma pedagogia não alienante, mas conscientizadora, fazendo com que o educando sinta-se parcela integrante do mundo que o cerca: o espaço da sala de aula precisa contribuir para que isso aconteça.

O ensino geográfico institucional mantém seu valor cultural informativo, mas nós, professores, podemos encaminhar estratégias metodológicas tendentes a que se afirme seu valor significativo nos processos de aprendizagem. Nessa busca, os métodos e técnicas aplicados em aulas de Geografia são permanentemente revisados com o fim de convertê-los em elementos facilitadores da aprendizagem. A atitude reflexiva e autocrítica do professor conduz à apreensão dessas dificuldades que são criadas por nós mesmos.



REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1999.
- CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: Recortes espaciais para análise In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). *Geografia em sala de aula*. Práticas e Reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, AGB, 1999.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). *Ensino de Geografia*. Práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2ª ed., 2002.
- _____. E agora, como fica o ensino de Geografia com a globalização? In: *Geografia em sala de aula*. Práticas e Reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, AGB, 1999.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). *Geografia em sala de aula*. Práticas e Reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, AGB, 1999.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A formação Crítica do Profissional em Geografia: Elementos para o debate In: *Geografia e Práticas de Ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.
- COLL, César (org.). *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 5. ed., 1998.
- DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Educar pela pesquisa*. São Paulo: Autores associados, 3ª ed., 1998.
- KAERCHER, Nestor André. A Geografia é nosso dia-a-dia In: MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MORAIS, Regis de. (org.). *Sala de aula*. Que espaço é esse? Campinas: Papirus, 17. ed. 2003.
- PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*/ Philippe Perrenoud; trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- _____. *10 novas competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Tensão entre Estado e Escola* In: CARLOS, Ana Fani, OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Reformas no mundo da Educação: Parâmetros Curriculares e Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.
- SCHAFFER, Neiva Otero. O livro didático e desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos



(org.). *Geografia em sala de aula*. Práticas e Reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, AGB, 1999.

SILVA, Jorge Luiz Barcellos da. O que está acontecendo com o Ensino de Geografia – primeiras impressões In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib, OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (org.). *Geografia em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002.

SOMMA, Miguel Linguera. Alguns problemas metodológicos no Ensino de Geografia In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). *Geografia em sala de aula*. Práticas e Reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, AGB, 1999.

TRINDADE, Antônio Alberto. *O uso do jornal como material didático*. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado). PUC.

VESENTINI, José William. Educação e Ensino da Geografia: Instrumentos de Dominação e/ou de Libertação In: CARLOS, Ana Fani (org.). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Geografia Crítica e Ensino In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). *Para onde vai o ensino de Geografia?* São Paulo: Contexto, 1989.

_____. (org). Geografia e Ensino. Presidente Prudente. In: *Caderno Prudentino de Geografia*, nº 17, AGB, julho, 1995.

_____. (org.). *Geografia e Ensino*. Textos Críticos. Campinas: Papirus, 4. ed., 1995.

VLACH, Vânia Rubia Farias. Ideologia do nacionalismo patriótico. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). *Para onde vai o ensino de Geografia?* São Paulo: Contexto, 1989.

